



O Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 29 de Outubro de 1983 * Ano XL — N.º 1034 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Consciência social

Era noite..., já lá vão anos... Num recanto silencioso, pela hora, conversávamos sem preocupação do tempo, que era nosso.

A evolução da vida ia desmascarando o rosto fictício dos ídolos que o homem faz por suas mãos e em que põe, iludido, a sua confiança. A inflação, qual fantasma da noite que começara invadindo o dia, era já sombra terrível para muitos. Para ele também, mas não já. Agora o problema era mesmo de sinal contrário: «Ganho demais. Temos um razoável nível de vida e não devo nem quero modificá-lo; nem deixar-me pressionar pelos meus».

Repensar a vida, programar o próximo futuro como alicerce firme de futuro sempre suficiente para os seus — eis o que trouxera ali o meu interlocutor e nos ocupava em reflexão sem pressa.

Já lá vão anos... Ao longo deles, esta e outra vez, somente, ouvi semelhante desabafo: «Ganho demais». E foi de dois Rapazes nossos (disso me rezojo!), pobres de nascimento, ricos apenas de capacidade de trabalho; vivendo na sua condição de proletários, igual à de tantos outros, inferior à de tantos mais, ...para quem nada chega.

Cavalinho fogoso galopando sobre estes homens sem uso de pensamento, o ideal de vida bela («agora... enquanto é tempo!») tomou o freio nos dentes e arrasta todos, também os sensatos, a despenhadeiro de difícil saída. Ou a austeridade razoável é ideal de cada um, ou todos acabarão por cair sob o jugo de austeridades impostas... e evitáveis.

A dimensão social dos comportamentos humanos aparece aqui com toda a evidência. Se estes decorrem num clima de egoísmo; se falta a luz que nos faz ver os Outros e dá a cada um o melhor conhecimento de si-próprio — que pode esperar-se deste somatório de cegueiras senão a queda colectiva resultante de cego guia-de-cego?!

Mais que as melhores medidas legislativas, valerá ao restabelecimento de um povo em situação difícil: o reconhecimento por cada cidadão das suas faltas sociais como causa endémica dos males que afligem todo o povo; e o seu empenhamento na formação de uma consciência social que se propague e prive do seu ambiente pútrido propício à fauna dos demolidores que não é constituída apenas, nem sobretudo, pelos a-sociais, mas tam-

bém por todos os anti-sociais, caçadores — custe o que custar, custe a quem custar — da sua oportunidade.

O que é um razoável nível de vida, aqui e agora, não se pode estabelecer por comparação com outros povos, mas em função do que é imediatamente possível de generalizar a todos os membros de um mesmo povo. (Se os povos se não solidarizam dentro de si mesmos, como esperarem a solidariedade de outros povos?!)

Para se determinar tal nível e encontrar nele satisfação suficiente, é necessário estar imbuído de espírito de comunhão e de pobreza, que só ele levará alguém, por razão do Bem-Comum, a viver aquém das suas pessoais possibilidades, a renunciar ao supérfluo, privando-se de tudo o que, racionalmente, lhe não é necessário, para o pôr à disposição da comunidade.

Poupar, a menos que por paixão avara, é sempre um verbo emanante da Pobreza, virtude pessoal e social. E hoje que o dinheiro tão depressa se desvaloriza, tê-lo, antes que gastá-lo em bens dispensáveis de proveito restrito; tê-lo para propiciar enriquecimento colectivo — me parece um exercício salutar da virtude social da Pobreza.

Aquele «temos um razoável nível de vida e não devo nem quero modificá-lo» é uma afirmação de saudável consciência social. E quem a profere, na modéstia da sua condição, é, certamente, um obreiro da ca-

AGORA

Vamos começar a nossa procissão de hoje com uma linda carta:

«Li o seu «Agora» e volto a enfileirar na procissão.

Agora é o momento preciso e único de que dispomos para ajudarmos os irmãos.

O meu ontem já vai um pouco longo, o amanhã será mais curto e o agora, como diz Pai Américo, é o momento oportuno de trabalhar.

Vou iniciar com muito pouco; queria que fosse para a «Casa do João e da Judite». A vida que tiver de viver seja um agora permanente e rico diante d'Ele.»

Outra:

«De um trabalho que não esperava ver remunerado, envio este cheque de dez mil para um Autoconstrutor, pois tenho uma casa boazinha e dói-me que outros não tenham, ao menos, um tecto para si e para a família.»

E outra:

minhada para níveis mais altos, de que somos tão dignos como outros povos que já os atingiram, se todos formos capazes de abraçar o necessário espírito de comunhão e de renúncia.

Padre Carlos

«Mando 27.500\$ para uma ajuda na construção de casas para pessoas delas necessitadas. Penso que as carências no domínio da habitação têm a maior projecção na vida dos indivíduos e que contribuam, em grande parte, para as situações de inadaptação, nomeadamente a juvenil.»

A nossa procissão, hoje, é meditação, em voz alta, com as palavras (orações) dos irmãos. Continuemos em silêncio que «este chão é santo»:

«Principiei as minhas férias e não queria ir descansar uns dias sem primeiro enviar umas economias para o mais urgente da Autoconstrução.»

«Mais uma pequena contribuição para a «Casa da Paz». Creio que fica nos 60.000\$. É para mim uma grande alegria ter chegado até aqui. Que o Senhor me dê a graça de levar a cabo a minha ambição de oferecer uma casa a um dos muitos irmãos sem-casa que temos por esse País fora.»

Santa ambição esta, que nos faz meditar nas fúteis ambições terrenas!

«É com um nó na garganta e um aperto no coração que só agora vos escrevo. Mando 500\$ para a «Casa do licenciado» e peço-vos uma oração.»

Vamos rezar como o Senhor
Cont. na 4.ª página

No início do Património dos Pobres (década de 50) há pedreiros que, estimulados pelo bem feito aos mais carecidos — pela sua força de trabalho, também — começam a reparar as suas próprias moradias. E Pai Américo vai ao encontro deles com um «pequeno auxílio» para a telha.

Em nosso País, a Autoconstrução espontânea, familiar, teria aqui a sua raiz.



Autoconstrução

● Admiramos os pedreiros com mãos d'artistas. Os mais idosos mal sabiam as letras do alfabeto; no entanto, verdadeiros escultores sem canudos universitários. Agora, porém, com o advento do betão, há menos profissionais. É pena!

Cativaram-nos, durante a construção da nossa Aldeia, em Paço de Sousa (década de 40), tanto pela sinfonia cadenciada do pico grosso ou do pico fino, moldando a pedra, de kentucky preso aos lábios, como pelas acções subsequentes, do guincho à tábua que a depõe no lugar próprio, em manifestações sincronizadas de carinho por cada bloco: Oh! pedrinha oh!/oh! pedrinha oh! E sur-

Cont. na 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

INTERCÁMBIO — Visitou-nos um grupo de gaiatos da nossa Casa do Gaiato do Tojal.

É sempre muito bom o encontro de gaiatos de várias Casas da nossa Obra, para melhor nos conhecermos uns aos outros. E, até, para conhecermos melhor a nossa Obra.

Como ponto importante, realizámos um encontro de futebol que a malta do Paço de Sousa venceu por 3-2.

O grupo do Tojal mostrou bom fôlego de jogo e, por isso, aqui vão os nossos parabéns.

MUDANÇAS — Como é costume, nesta época, houve mudanças de rapazes em vários lados: oficinas, limpeza doméstica, faxinas do refeitório, etc.

Este momento é sempre esperado por muitos com interesse e o mesmo não sucede com outros... Mas a nossa vida é assim. A maior parte dos trabalhos, cá em Casa, é feita só por nós. E, assim, também, vamos sendo cada vez mais homens com responsabilidade.

CARAS NOVAS — Vieram para a nossa Aldeia mais dois angolanos: Nelson e Sonemberg.

O primeiro veio com o Padre Telmo, do Tojal. O segundo veio do Porto e estava em casa de uma tia.

Eles andam muito contentes, pois a vida, aqui, nesta Aldeia tão bonita, dá-nos muita alegria.

José Carlos

VINDIMA — Entro na adega e sinto-me seduzido pelo ambiente que se vive!

No lagar pisam as uvas colhidas durante o dia.

Prepara-se o vinho tinto. E o fim da vindima avizinha-se. Esta é uma das últimas operações daqueles

a quem alguém definiu como sendo «um bom grupo».

Durante quinze dias, chovesse ou fizesse sol, labutaram colhendo as uvas. Agora, resta a consciência tranquila do dever cumprido e a tristeza de um trabalho alegre acabado.

Por isso, mesmo com o frio que já se faz sentir, naquela noite chuvosa lá estavam pisando ou repisando o vinho, num constante vai e vem, com a certeza de que acabando mais depressa se poderiam lavar e entrar no aconchego das suas roupas quentes para esquecer o frio.

Compreendem-se, assim, as furiosas pisadelas do Henrique, como quem quer pisar o vinho todo com um só pé...!

A cair de cansaço saem os mais fracos que se ocupavam de um lagar, enquanto os mais velhos ocupavam outro.

— *Está bom... Tudo para fora!*

E lá foi a corrida para a lavagem e desinfecção do corpo, que durante 30m esteve em contacto directo com o vinho.

Depois, bem aconchegados, afastam-se daquele local de trabalho para irem jantar.

Os mais velhos continuam um pouco mais e quando saem contam as histórias daquele dia.

A tradicional sardinhada não faltou, este ano! Ela é o símbolo do fim da vindima e o início da colheita do milho.

«*Não se ocupe o estranho nos trabalhos que o rapaz pode fazer*» — dizia Pai Américo. Por isso, eles lá estavam e continuam a estar onde for necessário.

Na hora da refeição olho para o meu copo e penso que valeu a pena o trabalho, sacrifício e canseiras, porque ali está reunido todo o nosso trabalho.

Ergo o copo e faço um brinde silencioso a todos os vindimadores que permitem que as nossas refeições sejam mais completas e alegres.

«Régua»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● O doente que referimos em o número anterior, está mais aliviado com a presença assídua do vicentino.

Escutámos mais desabafos d'alma, sem nos importarmos com naturais redundâncias:

— *V. sabe como está tudo...! E tenho de pagar a uma mulherzinha que me trata da roupinha, da limpeza da casa — q'eu não posso! E os rumédios? E o comer?...*

Queda um pouco. Ganha fôlego e prossegue:

— *Canso-me muito! Parece que me pára o coração! Não arrumedeio sem esta «bomba». Eu gasto nela 600\$00 por mês.*

Volta a quedar, a encher os pulmões d'ar. Depois, curto silêncio de horas grandes — como quem reza...

— *Agora, quanto recebe de reforma?*

— *Só três contos e quatrocentos. Não dá p'ra nada!...*

— *E os filhos, a sua gente?*

— *Estão lá prò Porto. Cada um trata da sua vida... Não podem auxiliar-me por aí além, q'a vida está difícil p'ra todos.*

● O homem abandonou a mulher e os filhos. «*Perdeu a cabeça e anda por lá...!*»

Diminuída mental, ela não dá fé da crítica situação! *Sorri* como se nada houvesse de especial! Um caso difícil!

Os familiares botaram logo a mão, quando a desgraça assomou, e nós seguimos atrás — aliviando a carga — com discreção.

Além dos problemas humanos do agregado, surge outro, bulindo com uma entidade bancária (contas atrasadas), pois a moradia fora adquirida com financiamento dito *bonificado*. Seria a perda de um bem inestimável... Os familiares correm seca e meca. Arrumam o calote. Pagam amortizações e juros. Sustêm o naufrágio com a vultosa ajuda dos nossos Leitores. «*A gente dá-lhe o necessário... p'ra ela governar a casa. O resto vai prò Banco.*»

Quando passamos naquelas bandas, ficamos sempre confrangidos com o viver desta gente simples. E, no silêncio do nosso coração, imploramos ao Senhor que não falte o indispensável às crianças — até serem homens. Elas são as vítimas inocentes — indefesas! Amanhã, porém, temos esperança, serão um grande apoio da mãe doente.

No reino dos Pobres nem tudo são espinhos! Conforta-nos, e damos graças a Deus, ver promovidos, socialmente, muitos daqueles a quem, ontem, os nossos Leitores mataram a fome — e poderiam não haver transposto os umbrais da miséria, da marginalidade — vivendo, hoje, com um certo desafio, integrados no meio.

● Foi artesão. Na banca de trabalho ganhava o suficiente para manter o lar. Um homem mais ou menos evoluído, para o meio. Tinha um hobby: a música.



Helena Martins (2,5 anos) e Ana Cristina (12 anos), filhas do António Alvaro e da Glória, que está nas Mercês.

No entanto, como o casal não tem filhos, a mulher prestava ainda serviço numa empresa, durante algumas horas por dia.

Uma vida, a dois, humanamente feliz.

Entretanto, surgem benefícios que ele poderia usufruir — pelo Seguro Social. Motivámo-lo, oportunamente. Aceita. E... vem a doença. Incurável! Fica prostrado. Não pode mais sentar-se na banca nem atender os clientes. Sofrem ambos privações sem uma queixa!

Topamos o problema. Requeremos a pensão. Agimos. Passa a não faltar, ali, o indispensável; até uma cadeirita de rodas para o doente ir ao caminho, fugindo à solidão. E mais: parte dos retroactivos da pensão são aplicados num aparelho de TV. Não é luxo mas uma necessidade, qual terapêutica ocupacional.

Agora, a cadeirita já não serve! Está irrecuperável, que o nosso Amigo é alentado... Precisa doutra, mais robusta. E quando as vê, na TV, levanta os braços, chama pela mulher: — *Oh, oh!...* Ela fica impávida. *Choram ambos.* E as lágrimas vêm até nós, para lh'as secarmos, como é possível.

Dois vicentinos andavam, em campo, procurando uma cadeira usada, robusta. Mas..., chegam agora, também, os retroactivos do subsídio de grande inválido que, a rogo do doente, requeremos há mais de um ano! (Ainda não se deu fé da ineficácia que lesa, exactamente, os mais carecidos!?) A pobre mulher mostra o ofício, após receber a verba, guardada a bom recato. Os olhos dela riem. Traz, ainda, uma sugestão:

— *Se não conseguirem o carrito, comprava-se um com este dinheiro... e uma ajudinha vossa. Que me diz? Apetece-nos cantar um hino àque-*

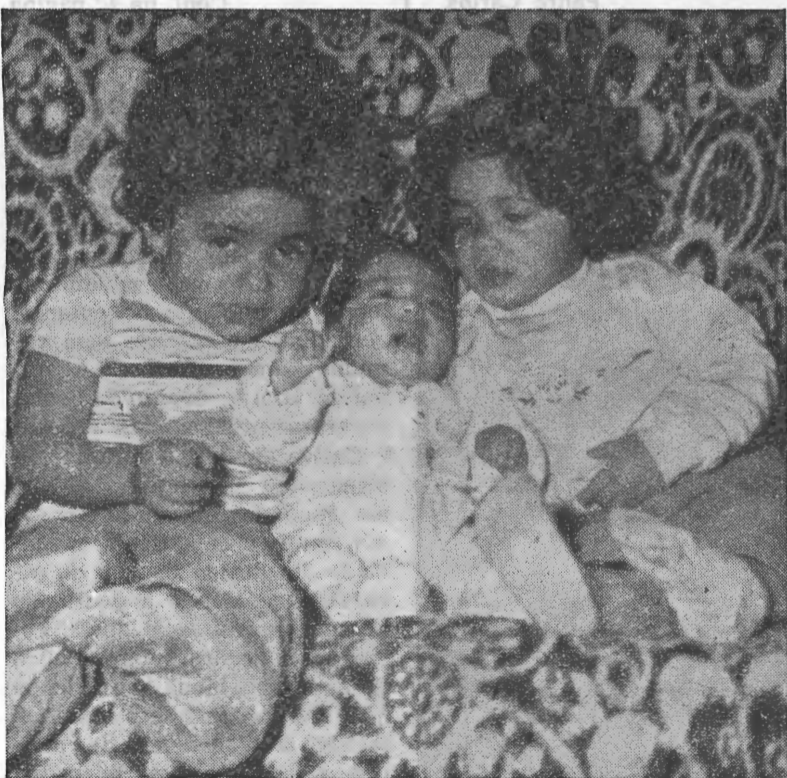
la mulher simples, do povo; um hino aos Pobres!

— *Ele não pode estar sempre em casa..., habituado a ir prò caminho. Precisa de um carrito p'ra ir connosco...*

Nem tudo são espinhos, no reino dos Pobres!

PARTILHA — A «habitual migalhinha» de Durban (África do Sul), para «quem mais precisar». «*Maria do Nordeste*» esteve em Paço de Sousa e deixou 100\$00. Cinco vezes mais, de Caravelos. Rua Gabriel Pereira de Castro, Braga, um cheque de mil «para ajudar as mulheres viúvas». Na Capela da Casa do Gaiato depositaram um sobrescrito discreto: 1.000\$00. «*Com toda a amizade de uma assinante de Paço de Arcos*», o habitual vale de correio (4.000\$) partilha do seu vencimento mensal, há muitos anos! Um cheque repolhudo, de Lisboa, parte da pensão de sobrevivência do marido, só despachada, oficialmente, dois anos após a morte dele (assim vai um sector fundamental ao equilíbrio sócio-económico dos Pobres!). Além de matéria mais íntima, diz esta Amiga lisboeta: «*Embora pela minha idade e circunstância da minha vida, já não possa trabalhar nas Obras vicentinas, acho quem o foi — vicentino — jamais deixará de o ser.*»

Cheque de seis contos para um seminarista. Assinante 13521, de Alenquer, 1.000\$00 «para se aplicarem no que acharem melhor». Assinante 1896, da capital, 2.545\$00 «do aumento duma pensão para tapar um buraco do Pobre mais pobre



Filhos do Luso, que foi da Casa do Gaiato de Benguela, agora serralheiro na cidade do Porto. A filha, à direita, já está no Céu.



TRIBUNA DE COIMBRA

● Contrastes: Montes e montes de roupas em bom estado e já sem uso. Muitas novas casas — pronto-a-vestir — a abrir e todas elas fascinantes com coisas variadas. Montras recheadas de bebidas nacionais e estrangeiras, a preços elevados, com grande consumo e todos a darmos conta da doença do alcoolismo a dominar e destruir tantas vidas. Cemitérios e cemitérios de carros a acompanhar as nossas estradas — tentações para os que têm de andar a pé. Grande parte da floresta queimada e montões de lenha abandonados — e continuamos a desperdiçar energia. Alguns com ordenados muito elevados e sempre à procura de mais e tantos outros com eles minguidos a não chegar para o mínimo indispensável à vida. Crianças a destruir brinquedos, certas de que os familiares lhes vão dar outros para alimentar mais os seus caprichos. Tantos bens abandonados e tantos braços robustos à espera de mais greves e feriados.

Aquele chefe de família que está ameaçado com o fechar da casa onde trabalha. Aquele número de homens que vêm a empresa a falir. Aqueles chefes de empresa que dão conta que o trabalho não rende. Muitos responsáveis pela vida pú-

blica que falam de crise e provam não acreditar nela.

● Ele anda triste e desanimado. Os quatro filhinhos são um encanto. A esposa é um modelo de ternura — o anjo do lar. Há muito amor aos outros irmãos. Vieram todos de muito longe e todos se sentem estranhos.

Os vizinhos já não podem emprestar mais. A renda da casa é elevada. As lojas donde gastam já não querem fiar. Os pequenos credores insistem no bater à porta.

Há um grupo de pessoas que tem ajudado. Vão cansando. Vão fazendo contas. Não querem estancar o amor, mas... é necessário estar sempre a correr.

Ele tem um curso para trabalhar. Mostra vontade de se agarrar à vida. Tem necessidade de apoio e procura quem o ajude. São poucas centenas de contos. Há esperança a brilhar naquele rosto. Há alegria e muito amor nas vidas daquelas crianças. Quanto vale uma vida? Há tantos que gastam milhares e milhares em carros ou coisas supérfluas! Quanto vale um Homem?

Padre Horácio

à guarda da Conferência». Que bem! Por fim, duma família a quem a Obra da Rua muito deve — pela entrega total, ao seu serviço, de um familiar — 6.500\$00 por duas intenções. O costume de boa Amiga d'Aveiro, cinco contos, imploraram «Bom Deus nos vá dando coragem para o nosso caminhar na terra». E 300\$00 de Travanca (Armar).

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

IMPRESSÃO DO CORVO

FESTA — No segundo domingo do mês de Outubro realizámos uma festa por três motivos — e qualquer um deles seria o bastante: Um, foi a Profissão de Fé de um grupo dos nossos; outro, a Primeira Comunhão de mais um grupo; e, por último, o baptismo do João Paulo que fará doze anos.

Tínhamos vindo a preparar esta festa há mês e meio, com a preparação espiritual destes nossos rapazes, para que ao tomarem o compromisso fossem sabedores daquilo a que se comprometiam.

Uma festa linda, partilhada por todos, mesmo por aqueles que já a tinham feito ou haverão de fazer. Os mais velhos relembrou-nos e os mais novos tinham esperança de um dia virem a fazê-la.

Começámos com a celebração da Eucaristia — a consagração do Baptismo, a Profissão de Fé e primeira Comunhão destes 35 rapazes — no nosso Salão, dado que a Capela não tem dimensões para caber tanta gente. No domingo de

manhã, todos admiraram a beleza da decoração, embora simples mas rica de significado, que começava com a inscrição «Deus é Amor» — passando pelo cheiro aromático de múltiplas flores — acabando nos nossos rapazes, todos de camisa branca e alguns também com um lacinho da mesma cor, tendo os da Profissão de Fé uma vela na mão, que depois acenderam para que a Luz de Deus penetrasse nos seus corações e os iluminasse pela vida fora. Os da primeira Comunhão tinham um cravo branco a significar a sua inocência ao receberem, pela primeira vez, o Corpo do Senhor.

Que todos conservem a Luz que brilhou naquele dia, assim como o sorriso com que a receberam, para que as suas vestes permaneçam sempre brancas.

AGRICULTURA — A última semana de férias foi muito movimentada em trabalhos agrícolas: a vindima e a apanha das maçãs. Aquela fizemo-la num só dia, e já há muito que andávamos ansiosos por ela. Vamos ter pouco vinho, pois as uvas estavam, na maior parte, secas e a «moscatel» a «desaparecer», pois alguns ajudaram-nas a «secar». Mesmo assim, ainda nos regalaram em algumas refeições.

As maçãs já pediam que as apanhássemos, embora algumas estivessem verdes e outras muito pequenas. «Mais vale pouco do que nada» — diz um adágio popular. Também não nos devemos queixar do pouco que temos (vinho, fruta etc.) pois sabemos que muitos irmãos passam mais privações do que nós, que temos sempre o pão à mesa para comer, e a cama à noite para dormir.

Chiquito-Zé

Cantinho das Senhoras

«De manhã, muito antes do dia nascer, levantou-Se, saiu, e retirou-Se para um lugar solitário e começou a rezar.» Mc. 1,35-36.

As senhoras da Obra da Rua saíram, mais uma vez, para o seu Retiro anual, em lugar sagrado, a dialogar com o Mestre, escutá-l'O, falar-Lhe. Foi em Fátima, de 26 a 30 de Setembro p. p. O Padre Abranches, S. J., orientou. O Padre Telmo também esteve presente, amabilidade que não podemos esquecer.

Foram quatro dias de oração, de escuta à Palavra do Senhor, Alimento indispensável a todos os baptizados. Mais a quem o Senhor chamou para as lides de Marta, sem esquecer a re-

comendação do Mestre: «Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada.» Lc. — 11,42.

Tendo com Ele um diálogo franco, expondo os problemas que nos devem atormentar, e ficarmos mais «inquieta» com o nosso cristianismo tranquilizante, com o nosso egoísmo tão fácil de se acomodar com a miséria, a aflição, a angústia dos Pobres, dos pequeninos marginalizados.

Recuperar forças espirituais, para enfrentar nova etapa para a vida desgastante — característica da Obra da Rua. Dias de bênçãos aos pés do Mestre e da Mãe do Céu!

Marcou a boa disposição e a alegria que se notava em to-

dos os rostos, apanágio dos que seguem o convite: «Deixa tudo, vem e segue-Me». Mt. 19, 20-21.

Por último, o Padre Telmo fez uma preleção, em que falou da Fé de Pai Américo — incitando-nos a imitá-lo — e da unidade e amor que deve existir entre todas: «Olhai como eles se amam».

E com estas reflexões — após a última refeição onde dominou a alegria — cada qual, numa despedida cordial e amiga, retirou para o seu posto, na firme disposição de melhor servir.

Virgínia

DOCTRINA

● Foi-se perdendo o sentido da sobriedade e da obrigação moral que toda a gente tem de convidar os sem-casa-nem-pão para a mesa que Deus põe todos os dias, para todos. Entesoír e desbaratar, são, neste sentido, palavras sinónimas.

● O valor das coisas vem todo da maneira como Deus as vê e nunca do esplendor que os homens lhes possam dar.

● A Caridade não cuida de si. Quando é necessário saltar para as linhas de fogo, e no meio de fadigas e sacrifícios, larga os seus próprios interesses para ir em cata de gente tresmalhada... salvar!

● O santo comodismo das contas de vidro, horas de piedade e do «não me incomode!...» Não. Ninguém pode viver isolado. Não há zeros na Humanidade; tudo são números vivos.

● Deus coloca no nosso caminho valores e riquezas sem medida, que são estes Pobres em famílias de histórias longas, tristes e verdadeiras; e esconde no seio delas, para cada um de nós, as horas mais cheias e mais felizes da vida! — Jesus Nazareno que passa. Segui-O assim, nos Pobres, é viver!

● Mandai estas linhas às mesas lautas dos vossos amigos mais íntimos, que por elas entra-lhes em casa a Voz de Deus e operam o milagre de Jesus, no limiar do opulento cobrador de impostos: «Senhor, metade do que tenho é para os Pobres!» E nunca foi tão rico este senhor como quando deu metade aos Pobres, nem seria jamais tão generoso se Jesus o não houvesse visitado.

D. Amín. 5!

PARTILHANDO

● Fomos a Aveiro buscar o Paulo Neves. De propósito o fizemos, para que ele não duvidasse mais se a sua casa era esta ou aquela!... Esta — a nossa e dele — é de pedra bonita e dura, com janelas rasgadas nas paredes fortes para dar entrada ao ar puro, livremente. Tem jardins, com flores de todas as cores, amparados por cedros e tileiras, plátanos e carvalhos. Tem animais dos mais pequeninos aos maiores. Pintainhos e cavalos! Pomares de fruta onde habitam também garnisés e patos. A quinta: campos verdes cobertos de espigas de milho, cachos de uvas, repolho e nabal. A mata, lá no alto, com pinheiros e eucaliptos, a servir de pasto a um

pequenino rebanho de ovelhas. As oficinas onde se trabalha e aprende uma parcela importante do futuro. As casas de habitação onde se estuda, brinca, descansa e dorme. A casa-mãe onde alguém vela para que à mesa não falte o alimento de cada dia. A capela onde nos reunimos para rezar a Deus, por nós e pelos Outros!

Tudo isto é dele, para ele e por ele! Ele não tem pai nem mãe... Aquela casa da irmã, para onde Paulo Neves fugira, é uma barraca pequenina sem portas nem janelas... Chegámos na hora do almoço. A irmã recebe-nos com duas pedras na mão e o nosso jornal O GAIATO na outra, para

Cont. na 4.ª página



RETALHOS DE VIDA

«Zé do Porto»

Chamam-me «Zé do Porto» por ter nascido no Porto a 31/5/68.

Minha mãe morreu no hospital e não sei do meu pai. Somos 4 irmãos: três rapazes e uma rapariga.

A minha vida, antes de um senhor me levar para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, era a vadiagem. Como não tinha pai nem mãe, fui eu e outro irmão. Estivemos lá quinze dias e fugimos quinze vezes. Uma vez fugimos pela janela e descemos um cano de água que passava pela parede!

Um senhor trouxe-me, depois, para esta Casa do Gaiato de Lisboa. O meu irmão foi para a Guarda e a minha irmã para umas irmãs de Ermesinde.

Andei na Escola, mas era preguiçoso, não queria estudar. Aos onze anos ainda andava na 2.ª classe.

Fiz a 4.ª classe e vou tentar o 2.º ano. Aqui, na Casa do Gaiato de Lisboa, estou muito bem com os meus amigos. Já fiz limpeza numa camarata e agora sou o padeiro da Casa.

Termino com um abraço para todos os leitores, principalmente para aqueles a quem distribuía O GAIATO, e para os meus irmãos.

José Olindo

Autoconstrução

Cont. da 1.ª página

ge a parede, a janela, a sacada, a varanda — imagens do belo, expresso no granito duriense.

Pai Américo deleitava-se com a arte dos pedreiros! Ricas horas d'oração no meio da crescente explosão da Obra da Rua e naturais responsabilidades contraídas! O Mundo sofria, então, as consequências da II Guerra Mundial. O desemprego, a fome minavam os lares de trabalhadores que viviam abarrecados, em deploráveis condições.

No início do Património dos Pobres (década de 50) há pedreiros que, estimulados pelo bem feito aos mais carecidos — pela sua força de trabalho também — começam a reparar as suas próprias moradias! E Pai Américo vai ao encontro deles com um «pequeno auxílio» para a telha (e não só...) — como a Obra da Rua continua a fazer, de norte a sul, pelos fundos do Património dos Pobres. Em nosso País, a Autoconstrução espontânea, familiar, teria aqui a sua raiz. E, por coincidência, a Autoconstrução francesa, organizada, atingiria, nessa época, o ponto mais alto.

● Hoje, aborda-nos um pedreiro do Vale do Sousa. Desabafa uma cruz dolorosa. Aquelas imagens correm, então, velozes em nossa mente, como um filme a cores de longa metragem!

É um homem de meia idade. Trabalha à tarefa. Sofre pe-

queno defeito numa perna, quicá vítima de um bloco de granito. Um dia, pensa na loucura de construir a sua casa, por suas mãos, com a ajuda d'amigos e familiares. Requer um financiamento, dito bonificado. Agora, porém, apesar da boa jorna que recebe, não aguenta os encargos:

— **Aumentam os juros todos os anos! No fim, pagaria à Banco duas ou três vezes mais do que pedi! Não posso!...**

— Como vai solucionar o problema?

— **Tenho um cunhado, na Venezuela, que se prontifica a dar-me o dinheiro sem juros; todo o dinheiro que precisar. E que da forma como isto está, pouco ou nada podemos fazer...!**

Entretanto começa, em Lisboa, o XI Congresso da União Europeia dos Construtores de Alojamentos. Ainda não analisámos os temas, mas sublinharam que, noutros países, a taxa de juro para a construção é fixa — não acompanha o ritmo d'inflação — beneficiando um sector prioritário, de larguíssimo alcance social. Com mais razão seria em países como o nosso, em vias de desenvolvimento!

● Para terminar — e com a devida vénia — o extracto de uma notícia, tendo por título **Autoconstrução**, inserida no órgão da Diocese de Aveiro, e assinada por «**Mais Luz (Águeda)**», já que a Luz não pode ficar debaixo do alqueire:

«**Continua a ser premente o problema da habitação. Apesar dos novos prédios, há sempre famílias mal alojadas, outras que, tendo as suas casitas, anseiam por melhorá-las e continuar no meio ambiente onde sempre viveram. Esta solução, por vezes, é a mais acertada.**

O sistema de Autoconstrução tem sido uma forma de resolver situações de carência habitacional extrema e tem tido bons resultados em muitas zonas do País. Quem lê

Livros

«PÃO DOS POBRES»

- 1.º volume (4.ª edição)
- 2.º volume (4.ª edição)
- 3.º volume (3.ª edição)

«O nome que se vê no lugar do autor (Padre Américo) é única e simplesmente o do humilde ouvinte das queixas do Pobre, que escreve dentro da mansarda o que eles ditam, a pedir pão. Por isso mesmo tu choras ao ler, como eu também choro ao ouvir.»

Pedidos à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel

AGORA

Cont. da 1.ª página

nos ensinou. Segue, recolhido, o assinante 6304 com «20 contos para aliviar um Autoconstrutor aflito». E «de Santo António para a Autoconstrução, 5.000\$».

«Depois de ler O GAIATO achei que devia contrariar o meu egoísmo enviando o óbulo de dez mil escudos para aqueles que com sacrifícios sem conta arranjam ou constroem uma casa. Faço-o com amor, carinho e enorme sacrifício.»

O Senhor sabe e o abençoa. Vem o assinante 29593 com quatro mil. Uma anónima e mãe com 200\$. Laurinda Matos com 2.000\$. Uma mãe e avó, anónima, com cinco mil para a viúva de Famalicão, que já vive na sua casinha. A Maria Euridice, de Portimão, com cinco mil. A Maria Arminda com mil para a casa da viúva e seus filhos. A assinante 30692 com vinte mil para a Autoconstrução. A Emília para a Autoconstrução. A anónima de sempre com vinte mil para a «Casa louvado seja N. S. J.

Cristo». Anónimo com trinta mil e gostaria que fossem aplicados na Autoconstrução. Segue uma leitora de O GAIATO com 10.000\$ para os dois Autoconstrutores a que se referia O GAIATO de Maio.

E mais umas orações:

«Venho por meio desta responder a um anseio que me vai na alma: Quero contribuir com 4.800\$ para pagar algumas telhas aos mais pobres. Elevo a minha alma ao Céu pelas lágrimas que me vêm aos olhos ao ler o vosso jornal.»

«Aqui vai a ajuda de vinte mil escudos para a viúva com uma filha anormal que não enfeitou. Se todos (mea culpa) pensássemos no que poderíamos ajudar com as nossas sobras! Uma Avé-Maria por mim.»

«Mais uma vez venho participar na ajuda dos que a vós recorrem nas suas aflições. Sinto alegria, pensando que alguém ficará mais feliz. Hoje penso no restauro de uma casinha degradada de irmãos de meia idade. Para isso mando vinte mil escudos. Maria Cândida.»

E vem mais a assinante 24025 com uma ajuda.

Os nossos amigos Funcionários da Caixa Têxtil com a sua presença habitual — e tão amiga!

Uma nossa Amiga de Coimbra:

«Aqui estou a enviar menos do que uma gota de água (50.000\$) para tanta necessidade. Achei que contribuir para que alguém mais conseguisse o que eu com tanto gosto conseguiria para mim, seria bom. Tenho desejo de perdoar, amar e espalhar a paz à minha volta.»

Que seja este, para todos nós, o propósito desta nossa procissão.

«Sou assinante de O GAIATO. Acabo de ler o «Agora». Aqui estou a dizer «presente» com cinco mil escudos — para quem tanto precisa dum ninho.»

«Sou a assinante n.º 33542. Quase sempre leio O GAIATO de «dio a pavo», medito nalguns casos e depois... tiro do meu trabalho um pouquinho.»

E, para terminar esta maré-cheia da nossa procissão meditada, peço a todos uma oração final por um nosso irmão de Carviçais que está connosco e se sente muito triste e infeliz.

Padre Telmo

assiduamente O GAIATO pode constatar este facto. Também temos algumas experiências positivas neste campo.

Ultimamente, voltou-nos a aparecer um jovem deficiente motor, um lutador incomparável, que conseguiu, com esforço e tenacidade e algumas ajudas, erguer uma habitação condigna. Nós também tínhamos já colaborado. Precisava agora de tijolo (mesmo de refugio) para uns currais que, por sua vez, poderão proporcionar alguns proventos. A Cerâmica de..., à porta de quem batemos, ofertou prontamente os 600 tijolos pretendidos logo que expusemos o caso.

Para outra família, que precisa urgentemente de dar um arranjo e ampliação na reduzida e arruinada casa que habita, fomos pedir a colaboração de outras duas cerâmicas. Foi

na mesma zona... O transporte foi também graciosamente feito por uma camioneta do sr. S. a quem recorremos.

Esperamos, contudo, que esta família vá para a frente e trabalhe com energia. Já lhe fizemos ver que daremos apoio se os interessados lutarem, trabalharem, sem estarem à espera que os estranhos lhes resolvam todos os problemas. Isto também é um trabalho de promoção, muitas vezes o mais difícil: entusiasmar as pessoas pouco activas e parece que já vencidas pela vida a sentirem desejo de uma vida melhor e mais digna.»

Quando a Igreja sai da sacristia, opera maravilhas. Damos graças a Deus! Com Ele nada é impossível. Aqui está!

Júlio Mendes

PARTILHANDO

Cont. da 3.ª página

nos atacar!... Que aquilo não era coisa que se escrevesse... Que era mentira... Que a sua vida não era miséria... Quem nos disse isso está mal informado.

Eu fui ver, para trazer o Paulo. Não quis saber de mais desgraças se o livrasse daquela... Assim conseguimos. Tinha levado comigo o «Tomate», como cicerone. Ele, vendedor do nosso jornal em Aveiro, é recebido no Hotel Imperial — onde come, dorme e se sente como em sua casa. E tem visto com os seus olhos o drama que o Paulo estava a criar — onde não se sentia como em sua casa. Por isso o escolhi para me ajudar. E, se o não tivesse levado, não sei se o Paulo teria vindo connosco! A certa altura da minha conversa, quando tudo estava dito, e dada a resistência do rapaz, o «Tomate», quase em segredo e sem eu perceber, diz-lhe: — **Anda; vem que ninguém te castiga. Estou convencido que foi este anda... vem... que o trouxe. A palavra certa, no momento certo, de um companheiro mais novo!... Eis toda a força da boa companhia.**

● Naquele mesmo dia, demos um saltinho à Gafanha da Nazaré, a uma empresa de pesca ligada ao bacalhau. Fomos lá buscar dois fardos, oferecidos.

Um dia, nos fins de Setembro, em Paço de Sousa, recebemos a visita da família que administra a empresa. Até nos foram oferecidos, para além de outros valores, dois fardos de bacalhau em cada mês do ano!

Deus seja louvado pelo Homem que dá do que é seu! Pelos pescadores de rosto queimado, habituados a subir e a descer as ondas do mar, tão longe da sua terra! Pelo mar, sinal da vida, um movimento para o Infinito!... E pelos peixes, escondidos na profundidade das águas, que são uma maravilha para os olhos e alimento para nós. Por tudo, a nossa gratidão!

● Daqui, passamos a Espinho. Hoje, estamos virados para a beira-mar, somente. Saudades do mar, no fim do Verão!

O Paulo Virgílio é o nosso enviado especial, todos os quinze dias, para vender O GAIATO em Espinho. Há dias, chega triste a casa, por dois motivos: Primeiro, porque foi assaltado no Porto e roubaram-lhe o dinheiro todo da venda do jornal; segundo, porque a casa do senhor Engenheiro, nosso amigo, que tem dado dormida a gerações de vendedores, por motivo grave de doença vai fechar-se para ele. E o Paulo Virgílio, pergunta: — **E, agora, onde é que vou dormir, lá em Espinho?** Respondemos que outra porta se há-de abrir. Ainda não sabemos quem. Alguém...

Agora, o Paulo Virgílio regressa, de Espinho, com a notícia da morte do senhor Engenheiro! A Paz eterna para ele, no seio de Deus que é Amor. E que Ele aceite todo o Bem que este nosso grande Amigo fez a gerações e gerações de rapazes nossos que ali foram — e são — pequeninos embaixadores da Obra da Rua.

Padre Moura



Gaiato

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa